



José Lourenço

Ir às Compras

A Sanofi-Aventis e a Merck estão entre as farmacêuticas internacionais que se espera que lancem uma oferta de aquisição sobre a iNova Pharmaceuticals, noticiou o Australian Financial Review citando analistas, que poderá valer 552,9 milhões de euros.

Uma corrida, ou fuga para a frente se quiserem, é o que grandes companhias têm de fazer, perante a entrada de muitos dos seus produtos core no domínio público e a ausência de moléculas proporcionadoras de lucros semelhantes.

Lembro-me de a Sanofi ser uma diversidade de negócios (Perfumaria e Cosmética, Veterinária, Diagnósticos, Bio Industrias e Pharma). Depois, produtos como o Plavix e o Aprovel, principalmente, determinaram a centralização num único (core) business.

Com o passar dos anos, e perante os insucessos da Investigação, com as dificuldades crescentes de mercado e a impossibilidade de perpetuar as providências cautelares, os laboratórios viraram-se para os genéricos e/ou vão às compras.

Muito recentemente, a Sanofi-Aventis fez:
Investimentos (China)
Alianças (Rabies Control)
Aquisições (FOVEA)
Em curso: (iNova)

Esta última entidade (iNova) resulta da compra em Novembro de 2006 da 3M Pharmaceuticals na zona Ásia Pacífico e dos Laboratórios Riker pelas Empresas Privadas Australianas Archer Capital e Ironbridge Capital. Muitos dos produtos (ex: Riker e 3M) fazem

parte actualmente do portefólio da iNova, bem como outros desenvolvidos e fabricados pela iNova Centre em Sydney Australia.

A iNova tem uma ampla gama de medicamentos de venda livre, incluindo analgésicos, controlo de peso, alergia, saúde sexual, dermatologia, cardiologia e saúde respiratória.

Para quem tem “só isto” não parece que a iNova seja suficientemente atractiva, pois a Sanofi tem produtos (de sobra) nestas áreas e más experiências também.

Mas talvez a importância da zona do Mundo e alguma escuta telefónica tenham permitido saber algo de mais apetecível sobre o seu pipeline.

O país de origem é ético e respeitável...

De qualquer forma, esta é a via e/ou multiplicar as áreas de negócio (outra vez) como forma de ir mantendo o barco.

Mas defendo que, com urgência, estas companhias deveriam alterar ou serem obrigadas a alterar a sua política de comunicação com os accionistas em particular e a população em geral, de acordo com a “nova” moralidade.

Um dia destes, vi o anúncio de um produto financeiro de um banco, rotulado de “acentuada complexidade”. Quer dizer que o regabofe informativo acabou, felizmente.

Também a Indústria Farmacêutica no seu todo tem de retirar toxicidade às suas afirmações e ser rigorosa (?) não apenas nos relatórios de contas, por serem sujeitos a fiscalização. ■